mocidade
portuguesa
feminina

FOTOGRAFIA ANTÓNIO MENDES

SUMÁRIO

N.º 25
MAIO
1941

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL // ASSINATURA AO ANO, 12$00 // PREÇO AVULSO, 1$00

FOTOGRAFIA DE H. T. MORRIS

SORRIR SEMPRE APESAR DE TUDO

NÃO vão os tempos de forma a andar-se bem disposto, diz-se para aí.

E não faltam Jeremias a tôdas os esquinas do mundo a lamentar a vida e a lamentarem-se a si mesmos.

Dir-se-ia que choveu sobre a terra uma grande preocupação e que os homens andam todos crucificados em amarguras.

Há razão para tanto?...

Se nos acostumassemos a procurar à nossa volta os motivos de alegria como nos gastamos a aprofundar os de tristeza, melhor nos iria à alma e ao corpo.

E há por aí ainda, graças a Deus, tanta coisa boa e linda — tanta lição de beleza e de heroismo!

O que nós somos é muito egoistas — e fechar-nos dentro de nós a dar regalo ao nosso *eu*, parece-nos melhor, sabe-nos mais...

É que assim vamos mesmo dispensando-nos de agir, de acudir aos outros, de ajudar os nossos irmãos a sofrerem menos.

Mal nos chega o tempo para nós...

* * *

Em todo o caso, não nos lembramos que tambem a alegria e a boa disposição — o optimismo, são uma obrigação, tantas vezes uma caridade, que nos devemos e que devemos aos outros.

Sorrir é um dever social.

Já um poeta escrevera:

...Dieu, vois-tu,
Fit naître du travail, que l'insensé repousse,
Deux filles: la vertu, qui rend la gaîté douce;
Et la gaîté, qui rend charmante la vertu.

Geralmente, os muitos ocupados, os que não têm tempo senão para trabalhar, não os encontramos nas praças e nas salas a contagiarem os outros do mal da tristeza.

Preferem estar no seu posto, a cumprir, certos de que ainda é esta a melhor maneira de serem uteis e de afastar os males que vêm sempre com a ociosidade e com o egoismo.

* * *

Mesmo que na verdade fossem maus os tempos, esta razão só nos obrigaria a estarmos preparados para aquele heroismo que a nossa hora nos venha a pedir.

E a melhor preparação foi sempre e sempre será a lei do dever na confiança.

Cumprir, a olhar o Ceu!

E que atmosfera magnifica para o heroismo não é o optimismo, a alegria!

Negação de heroismo é a tristeza.

* * *

Vamos então, «cantando e rindo» a correr os campos e os montes do nosso dever cotidiano.

A consciência em paz... mãos no trabalho...

Os corações banhado em alegria, olhos em Deus, Senhor da Esperança.

Trabalhar e cantar

Depois será o que Deus quiser.

* * *

Já de uma vez a pena de um rapaz que morreu heroi na outra grande guerra, poude escrever esta palavra tonificante: *«não se cura o mal a pensar nêle. A fazer o bem, sim: e eu quereria fazer-vos bem, dar-vos alegria!...»*

Esta palavra de Jean du Plessis, escrita dos campos de batalha, pode bem ficar uma ordem.

Prèguemo-nos uns aos outros alegria, tôda a alegria de semeadoras de alegria, raparigas da Mocidade Portuguesa.

Semeadoras da boa alegria que nasce das almas boas e puras.

G. A.

PALAVRAS AMIGAS

O Ex.mo Senhor Dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, dignou-se escrever para êste número, em que entra no 3.º ano o nosso Boletim, as palavras amigas que a seguir publicamos.

Palavras que afirmam a simpatia e união que existe entre as duas Organizações, essas palavras, que são ***suas***, tornamo-las ***nossas***:

«Nos bons, como nos maus dias, a M. P. pode contar com a M. P. F.»

É dia de festa para a Mocidade Portuguesa Feminina?

Então está também em festa a M. P.!

Pois se existe tão íntima comunhão entre as duas Organizações, ambas incumbidas da missão nacional de formar a juventude portuguesa no amor da Pátria e no amor de Cristo, ambas inspiradas pelos mesmos ideais, ambas vibrando no mesmo entusiasmo revolucionário por um Portugal melhor, — como não hão-de ser comuns as preocupações, e como pode ficar uma delas indiferente aos triunfos e às alegrias da outra?

Perdura ainda no espírito de todos os que a ela assistiram a recordação da encantadora festa do passado 1.º de Dezembro em que as vozes frescas dos nossos rapazes e as das raparigas da M. P. F. se uniram no mesmo hino de louvor à Terra portuguesa.

Essa camaradagem de um dia dá imagem da aliança constante que, para tudo quanto seja a bem da Nação e da juventude, está selada entre as duas Organizações.

Nos bons, como nos maus dias, a M. P. F. pode contar com a M. P.

Marcello Caetano.

AO COMEÇAR O 3.º ANO

VAMOS entrar no 3.º ano do nosso Boletim.

No primeiro número, que apareceu no dia 13 de Maio de 1939, alguém, que tem continuado a falar-vos todos os mêses, deu às palavras que vos dirigiu êste titulo: «A' conquista do ideal».

Estas palavras sintetisaram bem o que cada um de nós desejava ao apresentar-vos pela primeira vez *o vosso* Boletim.

Ir convôsco à conquista do ideal; ajudar-vos — como nesse artigo se dizia — «a subir, subir sempre!». «A isto vem êste jornal. Deus o traga em bem», liamos nessa mesma página.

E ao recordar estes dois anos de trabalho, eu pregunto-me a mim mesma se na verdade o *vosso jornal* vos terá ajudado a «erguer-vos até onde mora o ideal, para aí viver na sua contemplação e na sua prática».

A esta pregunta podereis vós, raparigas da Mocidade, responder melhor do que eu! O que eu sei, é que na alma daqueles que colaboram nestas páginas ainda não esmoreceu o desejo com que começaram a trabalhar; o nosso ideal é o mesmo: Deus, a Pátria e o vosso bem.

O Boletim chega-vos uma vez por mês. Mas em todos os dias dêsse mês — e quási que poderia dizer, em tôdas as horas dêsses dias — vós viveis no nosso pensamento e no nosso coração.

E assim, na ronda das horas e na passagem dos mêses, já lá vão dois anos — e Maio chegou outra vez!

Na antiga Grécia as *Horas* eram deusas, que a dançar com as Graças iam medindo a cadeia da vida dos homens.

Dotadas duma mocidade eterna e duma grande beleza, as *Horas*, que tinham o poder sôbre as nuvens do céu, as flores e os frutos da terra, regiam também as leis da paz e dos bons costumes e eram protectoras da juventude.

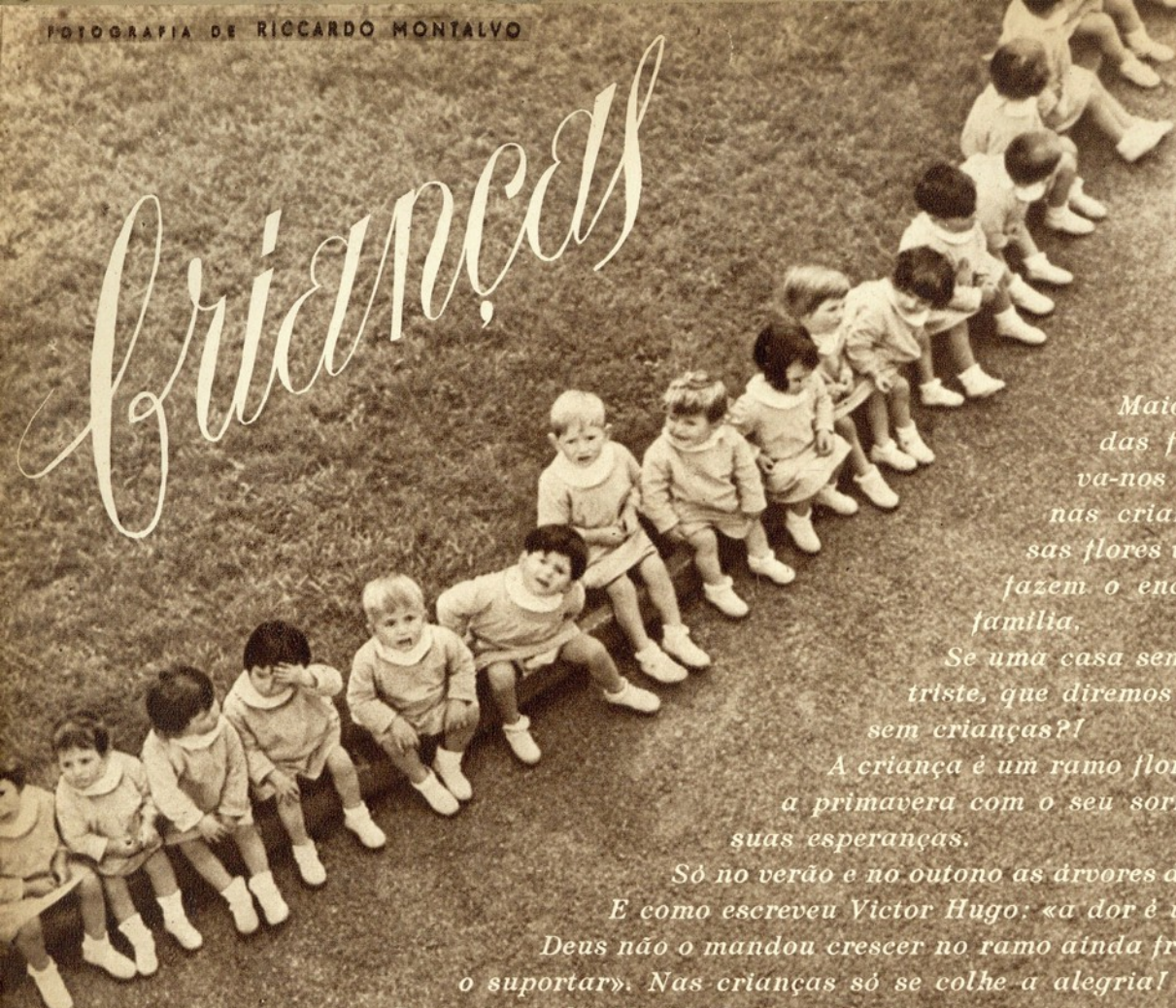
...E eu penso se as *horas* que têm presidido aos destinos do nosso Boletim lhe terão emprestado algum reflexo da sua beleza... terão deixado cair sôbre êle a água do céu... terão feito florir nele flores e amadurecido frutos... se terão velado pela paz e bons costumes... e vos terão sido benévolas, ó mocidade!

Os deuses mitológicos não existem.

Mas as *horas*, que são uma parcela do tempo, que é um dom de Deus, possuem na verdade qualquer coisa de divino...

São as horas que medem a nossa vida... são elas que presidem ao nosso trabalho... e ainda elas que levam junto de Deus as nossas obras...

Que esta primeira *hora* dum novo ano de trabalho, seja, pois, abençoada por Deus, para que tôdas as *horas* continuem a trazer-nos qualquer coisa de bom para vos darmos.

FOTOGRAFIA DE RICCARDO MONTALVO

Crianças

Maio, o mês das flores, leva-nos a pensar nas crianças, essas flores vivas que fazem o encanto da família.

Se uma casa sem flores é triste, que diremos dum lar sem crianças?!

A criança é um ramo florido... É a primavera com o seu sorriso e as suas esperanças.

Só no verão e no outono as árvores dão fruto. E como escreveu Victor Hugo: «a dor é um fruto; Deus não o mandou crescer no ramo ainda fraco para o suportar». Nas crianças só se colhe a alegria!

Raparigas da Mocidade, acostumai-vos a amar as crianças! Vós mesmas, sois o futuro; mas a vida não pàra e atrás de vós vêem os pequeninos que hão-de ser a «Mocidade» de àmanhã. Lembrai-vos que a vossa influência pode desde já ir preparando essa «Mocidade» que vos substitua, digna do ideal que lhe deixais.

Apesar da vossa pouca idade, sêde educadoras: com as vossas palavras e o vosso exemplo, com o vosso amor e os vossos cuidados, ide formando o coração das crianças, em que todas as impressões ficam tão profundamente marcadas.

Amai as crianças! Todas elas, mas, dum modo particular, as mais pobrezinhas.

Michelet disse que «a flor humana é aquela que tem mais necessidade de sol». E as crianças são flores!

Se o sol — se o amor — lhes falta, são flores que depressa murcham...

Amai as crianças!

E na sua inocência e na sua simplicidade, na sua graça e na sua ternura, vêde a imagem de Deus ainda não desfigurada.

«... As criancinhas ainda hontem estavam lá no céu... ainda têem azas...» (Victor Hugo).

Nós... já as perdemos!

MÊS DE MARIA

A VIRGEM E O MENINO POR DELAROCHE

O mês de Maio, outrora, antes de ter vindo ao mundo Aquela a quem a S.ta Igreja chama a «rosa mística» e o «lírio dos vales», era consagrado a Flora, deusa da Primavera.

Existem várias festas cristãs que, como esta, tiveram a sua origem em costumes pagãos.

Depois de Roma ter sido cristianisada, a S.ta Igreja, como era natural, procurou apagar os vestígios do paganismo, substituindo as antigas festas por outras, em honra de Cristo, da Virgem Santíssima e dos Santos.

Mas só no século XVI se organizou definitivamente a devoção do «mês de Maria» com a orientação que ainda hoje conserva: trinta e um dias em que se ajoelha aos pés de Maria para contemplar a «Tôda bela» e implorar a «Mãi de misericórdia.»

As mais lindas flores enfeitam os altares da Mãi de Deus, onde brilham velas acesas: flores de luz!

Ressoam cânticos — é uma festa de alegria que dura um mês inteiro.

O «mês de Maria» tornou-se extaordinàriamente popular depois do seguinte caso: Um dia, em que S. Filipe Neri chorava pensando em tantos jóvens que se desencaminham, apareceu-lhe Nossa Senhora e disse-lhe que se queria resguardar do mal a juventude a reünisse durante o mês de Maio aos pés do seu altar.

O Santo assim fez e teve a alegria de vêr cumprida a promessa de Nossa Senhora: os jóvens que no mês de Maio freqüentavam o «mês de Maria» eram especialmente guardados sob a protecção da Virgem Imaculada.

E a devoção do «mês de Maria» foi-se estendendo... E ainda hoje aqueles que amam a beleza da sua própria alma — essa beleza que tem um nome divino: a graça — gostam de ir, durante o mês de Maio, junto d'Aquela de que a beleza é inegualável, porque não existe nela mancha alguma!

A Beleza de Maria — a sua Pureza — reflecte-se sôbre aqueles que a amam e procuram imitá-la.

Que a *Mocidade*, que quere viver um ideal — não existe ideal sem brancura — no mês de Maio se acostume a olhar para Aquela que é como a neve das alturas!

Se não pudermos ir à igreja, levantemos na nossa casa um altar florido a Maria.

E ela, que é «cheia de graça», derramará essa graça também sôbre nós...

Coccinelle

O que nós queremos que as nossas raparigas sejam

Em continência à bandeira. Olhar firme, espírito levantado, coração fiel...

Irmã mais velha, que as pequeninas ouvem atentas, recebendo dela a verdade

Uma graduada que deixou saüdades. Exemplo de rapariga *verdadeira*, de que "o vestido de noiva é realmente o símbolo do que lhe vai na alma„

1.º — VERDADEIRAS

A Mocidade Portuguesa Feminina não tem só por fim uniformizar as raparigas e ensiná-las a vestir o uniforme com aprumo e correcção. Não quere só ensinar-lhes a parte técnica do govêrno da casa e dos cuidados das crianças. Quere que, por trás disso tudo, haja uma realidade. Quere educar as raparigas — não de fora para dentro mas de dentro para fora — de maneira que tudo quanto elas pareçam o sejam de verdade.

Por isso, o que desejam fazer as que tomaram sôbre si o encargo de dirigir êste movimento, cairá pela base se as raparigas não forem verdadeiras até à medula.

Ao falar-vos, portanto, «do que nós queremos que as nossas raparigas sejam», não posso deixar de começar pela verdade.

Vemos a bandeira hasteada e um grupo de raparigas, impecàvelmente alinhadas, de cara atenta e olhar firme, em continência à bandeira. O que vale isso se no peito de cada rapariga não houver, *de verdade*, a consciência de que é herdeira de uma tradição de oito séculos, que a bandeira simboliza, e a resolução de bem cumprir os deveres que essa herança lhe impõe, no campo reservado à acção feminina?

Vemos um grupo de pequeninas absorvidas nas palavras de uma sua companheira mais velha. Isso não exige da parte da mais velha o maior respeito pela candura dessas crianças prontas a acreditar nas palavras que ela lhes disser e às quais ela deve a verdade dita de forma que elas possam compreender?

Se a mais velha guia as mais novas, não será preciso que tenha amor a essas pequenitas, que pense no que elas vão ser e na maneira como as poderá ajudar no seu caminho e não se contente com cumprir exteriormente as suas obrigações como graduada?

E mais tarde, não será preciso que o seu vestido branco de noiva seja mais do que um vestido, seja um símbolo do que realmente lhe vai na alma?

As nossas raparigas devem ser verdadeiras consigo mesmas. Devem olhar-se de frente, reconhecer o bem que nelas há, naturalmente, agradecendo-o a Deus; e reconhecer também os vincos maus que tôdas nós temos — não para os esconder mas para os corrigir. Devem ser verdadeiras na sua acção, o que exige delas a coragem para que os seus actos reproduzam o que elas são de facto. A sua vida, assim, será bem sua. Se ocultarem o que são para se guiarem pelo que agrada aos outros não viverão senão a vida dos outros. Devem ser verdadeiras com todos, em tudo. O que não quere dizer, como tanta gente imagina, que é preciso dizer coisas desagradáveis, a pretexto de serem verdades. Se somos amáveis de coração, a amabilidade nas nossas palavras é uma maneira de sermos verdadeiras. Não há ninguém a quem se não possa dizer alguma coisa de bom. Mas se sabemos que o que temos de dizer não vai agradar, há sempre maneira de o dizermos com verdade e com bondade.

Para as nossas raparigas, a minha primeira palavra é, portanto, esta: Sejam verdadeiras. Se o forem, a vossa influência, desde já, sôbre as outras raparigas, nas vossas famílias, e mais tarde, quando tudo depender de vocês, a vossa acção como mulheres incapazes de mentir será tão larga, que nem vocês mesmas, hoje, podem compreender.

Ilda R. N. d'Almeida Corrêa de Barros

Amor que acompanha e guia, ajudando a seguir pelo caminho direito.

O avião e as andorinhas

O Homem, ser minúsculo do Universo, teve de considerar-se, em alguma coisa, durante muitos séculos, inferior ás aves. Não ascendia às nuvens; não tinha asas; não podia voar. A própria lenda de Icaro, tão conhecida, não simbolizava senão uma aspiração impossível. Icaro pretendeu voar e, para o conseguir, colar a si, com cêra, asas de penas de aves; mas o sol ardente, derretendo a cêra, fê-lo cair perdido e morto no mar Egeu. Eis porque imagino que nos idos tempos da fábula (quando ainda os animais falavam...) a águia e o Homem teriam dialogado assim:

Do céu para a montanha
Clama, orgulhosa, a águia, em pleno vôo:
«Vêde: em altura, o Homem não me ganha,
«E' menos do que eu sou.

«Ambicioso, vive na esperança
«De ter o infinito que procura;
«E nem sequer me alcança
«A esta altura...

«Que busca êle? Deus? Mas, sob o véu
«Da imensidade, a vida fulge e passa...
«Verme da terra não atinge o céu,
«Por mais que faça...

Responde o Homem: «Sim, mas eu possuo
«O entendimento dêsse espaço imenso
«Onde pairas, que eu vôo mais que tu,
«Porque penso...

E nunca mais o génio inventivo do Homem poude resignar-se a tamanha incapacidade. Teimando e persistindo sempre, primeiro, em aventuras de sonho e alucinação, depois, fazendo uso das descobertas da mecânica e das ciências aplicadas, alcançou um dia o que tanto ambicionava, ter asas para voar.

E agora as águias fogem para o ninho
Arrebatadas pelo assombro, quando
Cruzam com elas, pelo seu caminho,
Homens voando

Glória da gente lusa que comunga nestas duas pátrias Portugal e Brasil, o avião da actualidade tem a sua precedência histórica na criação sugestiva de Bartolomeu de Gusmão, a célebre «passarola», nas experiências concludentes de Santos Domont e na lição científica e heróica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O que é lamentável é que essa ave gigantesca, o avião, produto do heroismo e da genealidade humana, esteja servindo de instrumento principal na guerra, para destruição e morte, como se apenas tivesse por destino ser ave de espécie ladra e carnívora, de bico adunco, só para ferir e tragar, e de garras fortes, só para arrebatar e vencer.

E estamos na primavera... Todavia, a primavera dêste ano não se mostra igual às outras. E' certo que à face da terra vão descerrando e abrindo os seus olhos as flores; mas parece que espreitam nos prados e outeiros, e nas encostas escarpadas, com receio de não poder gosar ao sol a comunhão de paz e alegria para que nasceram.

Estamos na primavera... E quási que se não vêem andorinhas, as queridas mensageiras que nunca deixaram de nos anunciar, em fins de inverno, dias sensivelmente melhores, de mais luz e mais agasalho. Levá-las-ia o tufão que há pouco soprou violento, galgando os espaços, em onda vertiginosa abatendo e destruindo árvores e casas, como um látego de fúria que se destinasse a arrazar o mundo?

As andorinhas, como aves migradoras que são, afeitas a longas viagens, devem, por instinto, saber fugir às intempéries. Onde param elas, onde estão elas, que não as vemos, cruzando-se nos céus? Porque são poucas, êste ano, as andorinhas? Talvez, pelo mesmo motivo por que na terra rareiam os poetas...

PEDRO BARTO

Vida da M. P. F.

Trabalhando para os pobrezinhos

Fotografia — SANTOS ALMEIDA JÚNIOR

DISTRIBUIÇÃO DE ROUPAS AOS POBRES

Continuamos hoje a publicar a lista das roupas que foram confeccionadas pelas filiadas da M. P. F. e distribuidas no dia 8 de Dezembro passado.

Embora os números sejam frios, neste caso são resplandecentes! E a luz que dêles dimana faz-nos pressentir o fogo da caridade dondé essa luz surge!

Roupas para os velhinhos! Enxovais para criancinhas pobres!

Só quem viu sabe o que sentiu ao contemplar tão lindas coisas e feitas com tanto carinho!

Extremadura

Em Lisboa, numerosos Centros entregaram à Obra das Mãis pela Educação Nacional, para serem distribuidos por esta organisação, **98 enxovais completos.** (Este número deve ter sido ainda bastante mais elevado, pois de alguns Centros recebemos apenas a notícia de terem sido oferecidos «vários enxovais», o que é uma indicação insuficiente para se poder calcular uma conta certa).

Recebemos também a indicação de terem sido oferecidos à O. M. E. N., além dos enxovais, **900 peças.** (E também neste ponto temos que lamentar que alguns Centros nos tenham só comunicado *vagamente* que deram «algumas roupas»).

Directamente, nos próprios Centros, foram ainda distribuidas numerosas peças a velhinhos e a crianças.

Número de peças distribuidas nos Centros:

Velhos e velhas: **1.033** peças. — *Crianças de colo:* **1.549** peças. — *Crianças mais crescidas:* **698** peças.

... e *muitas mais* que não puderam entrar nestes totais por as informações serem incompletas ou... não nos terem ainda chegado às mãos.

Douro Litoral

Peças de roupa **538** (não vêm especificadas).

A Ala n.º 2 distribuiu 100$00 por 10 velhinhos.

Baixo Alentejo

Nesta Delegacia, além de **418** peças distribuidas a velhos e velhas, as filiadas confeccionaram roupas que destinaram aos pretinhos.

Foi uma ideia original e simpática que entusiasmou as Filiadas que se sentiram felizes em colaborar na obra dos missionários.

Os vestidos foram todos feitos com «amostras» que as raparigas pediram em vários estabelecimentos; algumas apareceram com *trouxas* de retalhos!

«Dentro de 8 dias acabaram-se 72 vestidinhos para os pretos — escrevem-nos — que vão ser a alegria de muitas almas, comover até às lágrimas os missionários e quem sabe... Trazer a Deus muitos nossos irmãos!»

DONATIVOS

A Câmara Municipal de Castelo Branco ofereceu à Delegacia Provincial da Beira Baixa 8 carteiras e uma secretária para serviço de aulas e ainda a concessão gratuita de 3 metros cúbicos de água para gastar no edifício da séde.

BEJA — Um aspecto da Exposição de roupas confeccionadas pelas filiadas da M. P. F. para serem distribuidas pelos pobrezinhos

BREVEMENTE A LINDA HISTORIA **MARIA DA GRAÇA NO CAMPO**

A coragem de Tereza Telles

Desgrenhada, congestionada, Nanny chorava, agarrada a Ellen e Marjorie; enquanto Mrs. Rosing caia sem sentidos ao ouvir a história do desaparecimento de Pete, e o banqueiro, com um sangue frio admirável, partia para a policia no seu automóvel.

John Martin conseguira a desejada entrevista com o banqueiro para o jornal Plain Dealer*; e, como Rosing se dispunha a oferecer capitais para uma campanha intensiva que apanhasse os raptores do seu filho, imediatamente se prepararam dois aviões e quatro poderosos automóveis para tentar descobrir o rumo que levara o pequeno Pete.*

Sabido, agora, que o rapto do pequeno era obra duma poderosa quadrilha de «gangsters», diminuíam as suspeitas sôbre a cumplicidade de Manuel e Teresa Teles. Contudo, uma terrivel coincidência surgia contra o honesto operário: uma das cartas de ameaças, recebida pela senhora Rosing, escrita com a letra perfeita de Manuel, levava o carimbo do correio de Charlestreet, perto da casa onde êles moravam! E se isto não constituía uma prova contra êle era, pelo menos, mais uma probabilidade a favor da sua cumplicidade no crime. Com o desaparecimento de Teresa, tornara-se o caso mais misterioso ainda...

Mas Manuel não desanimava, cônscio da sua absoluta inocência. Apenas o preocupava, mais que tudo, o receio de que assassinassem a irmã os infames bandidos...

— Descobriu-se a passagem do carro-torpedo pela aldeia de St. Patrick — disse Mortimer, abrindo um rádio que acabavam de lhe entregar.

— St. Patrick? — disse Manuel. — Já sei para que lado fica: perto da fábrica de aviões.

— Mas daí para diante — tornou Mortimer — não se tornou a ver êsse grande carro, marca «Dodge», e côr de café com leite.

— Podem ter-lhe mudado a côr — observou Manuel.

— E é mesmo quási certo. Agora vou ver o que diz o John: o aviador Jim avisou por T. S. F. que anda no ar para os lados da montanha uma avioneta fazendo evoluções sem se compreender o destino que leva; parece que foge do avião dêle e não conseguiu chegar à fala!

— Estranha coisa...

— Vou daqui falar ao John; sei que o snr. Rosing quere equipar mais aviões: assim o Jim não perca a pista dessa avioneta suspeita... ¿E terá isso tudo alguma relação com o rapto da sua irmã?!

— Isto é tudo obra dos mesmos «gangsters», pode crer; ¿e quem sabe ainda o que virá a descobrir-se em Ohio?

— O que nos vale é termos capitais para essa campanha; e o próprio banco Margot *pôs à disposição dos Rosing o seu pôsto emissor, sabe?*

— Ainda bem — concluiu Manuel.

CAPITULO VII

Quando no rancho viram cair a noite e chegar, num trote descansado, sem a sua cavaleira, o cavalo Coroner*, foi uma balbúrdia! Allan Tregor, furioso, despejou para o ar o seu repertório de pragas; mas Joey, mais calmo, lembrou a hipótese provável de Teresa estar caída em qualquer barranco, atirada ao chão pelo cavalo.*

— Dei-lhe o Coroner *por ser o mais manso — disse Molly — a-pesar delas me proporem dar-lhes o* Gangster.

— A melhor coisa é procurar a creatura — lembrou Murray; e, como era já noite cerrada, prenderam as lanternas eléctricas na cintura e formaram quatro grupos, para a procurar por todos os lados.

— Eu avisei-a que tomasse o norte — disse ainda Molly.

— E eu vi-a seguir direita ao norte — disse outra rapariga.

— Uma comunicação na T. S. F.! — gritou, de repente, um dos cow-boys, correndo para o pôsto receptor.

— Pode ser urgente — avisou Joey; — não se procura a rapariga sem se saber do que se trata.

E aproximaram-se do pôsto, apreensivos e casmurros.

Banco Margot & Co. — stop. — Banqueiro Rosing vai mandar aviões e autos procurar filho — *stop.* — Ignora-se Ruby — *stop.* — Esperamos ordens.

— E a bruta da garota sabe Deus onde está... — murmurou Tregor.

— ¿Terá fugido? — lembrou Murray.

— ¿A pé?! — troçou Tregor.

— Vamos agora ao que importa — disse Joey; — e o que importa aqui é o Ruby e o petiz.

— Nada podemos fazer — disse Tregor.

— Podemos — respondeu Joey — e é o que vamos tratar de fazer já — e, instalando-se ao microfone, Joey começou a falar pausadamente.

— Substituam gente nossa avião Rosing — *stop.* — Procurem Ruby Ponta Vermelha — *stop.* — Ofereçam dinheiro — *stop.* — Consigam meter Rosing nosso avião — *stop.*

Allan Tregor e os outros entreolharam-se: o Joey era, sem dúvida, o mais forte dêles todos!

E, depois dum silêncio, Joey tornou:

— Agora, é esperar. Vão, se quiserem, procurar a criatura para a enterrar em qualquer canto e não se pensar mais nela; eu é que fico na T. S. F.

Os grupos dispersaram-se pela planície e durante horas andaram procurando Teresa.

Quando regressaram ao rancho, Allan Tregor, furioso, deu um enorme murro na mesa e exclamou:

— Quem sabe se foi no avião da inglesa?

Cruzaram-se as exclamações e os ditos, incrédulos quási todos; e, por fim, Joey disse:

— A aviadora ia para Michigan; pode-se mandar um rádio para o clube de aviação, àmanhã de manhã, a saber se Miss Meg Holly levava uma passageira. Agora vai-te deitar, Allan; a petisa não vale uma noite sem sono... E temos coisas mais graves a tratar.

Allan, casmurro, nada respondeu.

A resposta ao rádio para Michigan não se fez esperar na manhã seguinte: Miss Meg Holly havia chegado naquela manhã com o seu mecânico, apenas; não constava de passageira alguma no avião.

— A mulher está morta em qualquer canto — afirmava Murray. — Um dia acha-se o corpo já coberto de vermes.

— E é tempo de te meteres outra vez a caminho, Allan; ainda não temos o resgate do garoto, lembrem-se — avisou Joey.

— Tenho de regressar a Cleveland, é preciso que não desconfiem da minha ausência. Parto daqui para a Flórida; e de lá é que volto a Cleveland. Vou no Buick grande, Joey; mas talvez pare umas horas...

— Onde? — preguntou Joey.

— Em Michigan! — gritou Tregor.

— Tolo! — exclamou o outro. — Ainda hás-de comprometer tudo por causa da tal petiza!

Mas ninguém impediu Allan Tregor de seguir a sua idea; e, naquela manhã, sem mais saber do avião de Ruby, partiu para Michigan no seu Buick. A vida no rancho continuou cheia de ansiedade. Joey e Murray, instalados junto ao pôsto de T. S. F., durante horas ali estiveram em comunicação com o banco; e as notícias estavam longe de ser animadoras para os gangsters...

— Não conseguem que o próprio banqueiro se meta no nosso avião... — disse Murray.

— Cobarde... — resmungou Joey.

— Já largou cem mil dólares para o avião seguir com o nosso aviador Jack Moore.

A T. S. F. recomeçou: e desta vez não era do Banco a emissão. D'onde seria? Uma voz fraca, longínqua, dizia: «Perseguido... Impossível... Longitude... S. O. S.!»

— E' Ruby! é Ruby! — gritaram os dois homens — ¿Quem o persegue?

Ligou para o pôsto do Banco.

— ¿Onde está Ruby? — gritava Murray ao microfone.

— Nosso avião segue pista — *stop.* — Encontramos avião Ruby perseguido policia — *stop.* — Garoto está avião — *stop.*

— ?O que irá passar-se agora...? — disse Joey, agarrando a cabeça.

Mas, de repente, só se ouviu um estranho ruido no pôsto; e os gangsters nada mais puderam entender do que: rrrrrrr... — iiiiiji...

Mais nada! Calara-se de todo a T. S. F. e Joey, excitado e furioso, foi-se deitar sôbre a cama.

CAPÍTULO VIII

Ruby chegou antes da noite à Ponta Vermelha. Voando a uns mil metros de altura nada via cá para baixo; mas foi baixando a pouco e pouco, entre nuvens ameaçadoras, e a uns duzentos metros de altura, olhou para o campo pelo seu óculo. Nenhum carro se avistava... Apenas dois ou três ciclistas passavam, como môscas velozes, pela estrada alcatroada. Ruby via agora a urgência de se reabastecer de tudo: mas o risco era terrível... Tinha ainda latas de biscoitos, umas sanduiches sêcas, uma garrafa de leite esterilizado para o garoto; umas pílulas substanciais para si. Agüentaria mais tempo. Se pudesse chegar até ao rio, onde estacionava sempre o gazolina da quadrilha... Mas parecia-lhe isso difícil: seria preciso atravessar tôda a região montanhosa, tão perigosa para os aviadores, e ainda, durante horas, sobrevoar a floresta de eucaliptos. Lembrava-se também de outra hipótese, talvez de tôdas a mais prudente: voar até ao Far West, chegar ao rancho de Joey. Não era isso, porém, possível sem um largo reabastecimento por duas ou três vezes. Decidiu-se pela idea do rio; e tomou o rumo do sul a uma grande velocidade e a uma grande altura. Mais longe tentaria uma descida, para tomar gazolina; por ora ainda tinha para duas horas. O avião seguia o melhor possível, quando Ruby viu, um pouco atrás da sua avioneta, um biplano; e ouviu uma voz na T. S. F.:

PAGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

— *Número avião. Policia do ar.*
Não respondeu e apressou marcha.
A T. S. F. repetiu:
— *Resposta imediata!*
Como não respondeu à intimação, um ligeiro tiro tocou levemente numa das asas...
Então Ruby, irritado, respondeu.
— *Esqueci número. Passeio recreio.*
A voz não tornou a ouvir-se e parecia que o avião abrandara a marcha. Mas daí a uma hora eram dois biplanos que seguiam o avião de Ruby em tôdas as suas evoluções.
Então começou um verdadeiro raid *entre os três aviões!*
Ruby subia a maior altura, os biplanos acompanhavam-no; Ruby descia, virava, mudava de rumo, e sempre os outros dois o seguiam!...
— *São ambos da policia — murmurou Ruby — estou perdido...*
Mas nesta ocasião, deu-se um caso mais estranho ainda: do norte veio um novo avião, monoplano de caça, cujo motor poderoso roncava fortemente; e Ruby ouviu, com clareza, pela T. S. F.:
— *Ruby, agüenta-te!*
Então, criou ânimo! aquele avião era o dos gangsters, *com certeza; a questão era conseguir pôr os outros dois perseguidores em fuga...*
Do monoplano soou um tiro forte sôbre um dos biplanos: mas os dois, a um tempo, atiraram às duas asas do avião dos gangsters. *Ruby tentou uma nova manobra, arriscada e louca: começou a subir, a subir, a subir... E o seu avião era já só um pontinho negro no céu.*
Do monoplano veio uma voz forte:
— *¿Querem paz ou guerra?*
A resposta não se fez esperar:
— *Rendam-se. Aqui policia.*
— *Defendam-se: aqui* gangsters!
E começou um tiroteio ininterrupto e terrível. Um dos biplanos estava perigosamente atingido. Tombava para um dos lados, como uma grande ave ferida.
O outro, porém, tripulado por Jim, não fôra ainda atingido pelos tiros: e agora subia, cada vez mais alto, em perseguição da avioneta de Ruby!
O biplano ferido descia com cuidado; tinha de desistir da perseguição e tentar recolher-se onde pudesse. E o monoplano dos gangsters, *voando em socorro de Ruby, já quási tinha chegado perto dos dois aviões quando se deu um choque terrível: os dois aviões em grande velocidade, prenderam-se um ao outro, sem que fôsse possível desprenderem-se. Jim, de browning em punho, gritou:*
— *Rende-te, Jack Moore! e eu nunca direi que um aviador como tu era um bandido! Rende-te, Jack!*
A resposta do gangster *foi um tiro em pleno peito! Mas Jim desviou-se e só o braço esquerdo ficou inutilizado e como morto.*
Jack Moore, num esfôrço supremo, enfiou de-pressa o pára-quedas, acenou ao mecânico que o imitasse, e lançou-se no espaço, para que a policia não pudesse apanhá-lo. Restava, porém, Ruby, que detinha na sua carlinga o pobre Pete Rosing, meio desfalecido, no seu lugar...

(Conclue no próximo número)

ERA UMA VEZ... O DEFEITO DE PILARICA

A pequena Pilar, a quem todos chamavam «A Pilarica» por ser muito pequenina e engraçada, tinha muitas qualidades boas e, na verdade, poucos defeitos. Infelizmente um dêsses defeitos era grande, enorme, mesmo «visto que constituia, nada mais nada menos, um dos sete pecados mortais»: era a *Gula!* Os pais afligiam-se e ralhavam; os irmãos troçavam; as mestras tentavam envergonhar a Pilarica. Mas nunca a pobre pequena conseguia ver-se livre daquele defeito horrível.

A' hora do primeiro almôço, diante da sua chicara de leite, Pilarica enchia-a de sopas de pão, que comia com delicia. Mas apenas acabava, queria logo repetir uma, duas e até três vezes... A' tarde, ao almôço, ao jantar, era sempre a mesma coisa: comia com verdadeira gula!

— Olha que não podes digerir tanta coisa — recomendava a mãe, apreensiva.

— Vai tudo fóra daqui a nada! — observava por vezes Júlio, o irmão de dez anos.

— A menina come como uma giboia! Olhe que é feio comer a fartar! — resmungava a Joaquina.

Mas Pilarica, sem responder, ia comendo até não poder mais!

E o certo é que eram freqüentes as suas indigestões; e a última fôra tão medonha que a pobre Pilarica sentira-se coberta de suores frios, quási desmaiara nos braços da mãe, e ficara, depois disso, fraca e abatida.

— Não tens vergonha da tua doença, Pilar? — preguntou-lhe o pai com severidade — Já é tempo de te corrigires minha filha.

— Como hei-de eu corrigir-me, Pae? Sabe-me tão bem! E só muito tempo depois é que começo a ter dores, enjôo, agonias... — e Pilarica suspirava.

— A menina tem vontade de acabar com as indigestões? — preguntou um dia a boa Joaquina, que fôra sua ama e lhe dedicava especial ternura.

— Gostava, sim, ama, mas...

— Deixe lá, que eu hei-de tirar-lhe a gulodice tôda. Olhe, menina, logo à noite, depois do jantar, venha a menina ter comigo à copa, e lá falaremos as duas: amanhã está curada — Assim fez Pilarica. Sentada ao pé da ama, que lavava os copos e os talheres, ia ouvindo as histórias que ela contava.

— Era uma vez um homem que nunca se satisfazia com o que comia. Ora houve naquela terra uma cheia muito grande que lhe levou quanto tinha. E um dia que a fome era muita o homem deixou-se cair na estrada, ali adormeceu e por noite alta, apareceu-lhe o diabo.

— Que ideia, ama! — exclamou Pilarica.

— Pois foi assim tal qual. E o diabo disse ao homem: «Queres comer a fartar»? Quero — gritou o homem.

— Mas eu nunca me farto; o meu gôsto é comer.

— Então vou dar-te tanta batata cosida, tanta, que fiques fartinho de todo! — O homem acordou e viu ao pé de si um panelão cheio de batatas cosidas. Como estava a cair de fraqueza, logo se atirou a elas e comeu, comeu, comeu...

— Ao menos matou a fome — observou Pilarica.

— Mas — continuou a ama — quando quis parar de comer, por se sentir enfartado, uma fôrça obrigou-o a continuar até que ficou vazia a panela. O homem tentou levantar-se para se meter a caminho, mas por mais esforços que fizesse não conseguia erguer-se; e pondo os olhos na panela... viu-a outra vez cheia de batatas!

— Ai que aflição, ama!

— E ouviu a voz do diabo que lhe dizia. «Hás-de comer a fartar... Hás-de comer a fartar... Hás-de comer a fartar»... Quer quisesse quer não, as mãos tiravam as batatas da panela e êle comia!

— Ai, tomara que êle se vá daí para fora, ama.

— Pois nada disso sucedeu, menina. O homem teve de comer tanta batata, tanta, que daí a dias... rebentou! E o diabo é que se ficou a rir, levando a alma dêle para o inferno! Assim ficou o homem castigado pela sua gula, que é um pecado medonho.

— Não gostei nada desta história — disse Pilarica.

— Amanhã conto outra, menina — respondeu a ama.

Mas no outro dia Pilarica não foi para a copa ouvir as histórias da ama. Durante o lanche, naquela tarde, quando ia tirar a quarta fatia de pão de ló, pareceu-lhe ouvir dizer ao ouvido. «Hás-de comer a fartar... Hás-de comer a fartar...» e já não comeu mais.

— Olha, olha! — gritou Júlio — a Pilarica está-se a emendar! A Pilarica já não é gulotona! — Realmente, Pilarica parecia corrigida! E as indigestões acabaram de todo.

— Seria o diabo que me fazia comer tanto? — preguntou ela à mãe, enquanto Júlio, que ouvira, ria à gargalhada.

Mas a mãe não se riu; e respondeu:

— O que te fazia comer *mais* do que precisavas, Pilarica, era com certeza o espirito do Mal; visto que a *Gula* é um pecado mortal. Agora que te convenceste disso, caiste em ti e o espírito do *Bem* é que venceu.

— Olhe, sabe? — interveio Júlio — foi talvez o seu Anjo da Guarda que lhe valeu!

E Pilarica sentia-se felicíssima por ter perdido, enfim, um dos maiores defeitos que há.

Nunca mais comeu «*a fartar*»; e nem por isso perdeu o seu bom apetite, nem as coisas deixaram de lhe saber bem.

Informação a uma Filiada Colaboradora

A Directora da Página das Lusitas tem o gôsto de informar a Filiada **Maria de Lourdes Claro** que os seus lindos versos **A Mãe** fôram recitados por um aluno da **Escola da Obra das Creanças da Freguesia da Lapa,** na pequena festa escolar que ali se realizou no dia 19 de Abril.

PASSAR A FERRO

Mesas

PARA passar a ferro as peças grandes, lençoes, toalhas, etc.. è preferivel uma mesa larga às mesas estreitas.
A mesa deve cobrir-se com lã ou flanela, mas, sendo o tecido fino, deve dobrar-se em duas ou quatro partes; um cobertor já usado poderá servir, se não tiver remendos ou costuras que façam vincos na roupa.
Por cima, estende-se um pano branco, de algodão, mas que não deixe fios.
A cobertura e o pano devem ser presos por fitas às pernas da mesa, de modo a ficarem bem esticados. Não ficando as coberturas bem presas, engelham-se e não corre bem o ferro.
Para os vestidos, combinações, etc., emprega-se uma tabua especial, com 1m,50 de comprimento. As extremidades são deseguais, uma com 45 cm. de largura e outra apenas com 25 cm.
A vantagem destas tabuas é poder enfiar-se a roupa que se pretende passar, evitando, ao passar dum lado, que se amarrote o outro, já engomado, como acontece nas mesas vulgares.
Para as mangas há umas tábuas pequeninas.
Estas tábuas também são forradas.

Ferros

Há vàrias qualidades de ferros de passar; uns trabalham com electricidade, outros com alcool e outros, os mais usados, com carvão. Os ferros eléctricos são muito dispendiosos.
Quando se compra um ferro deve-se escolher bem polido por baixo, e que não seja muito pequeno, para não arrefecer ràpidamente. Também não deve ser muito leve.
Se o ferro não tem a pega isolada, arranja-se uma espécie de almofadinha para se lhe pegar sem nos queimarmos.
Nunca se deve pousar o ferro, abandonando-o, sôbre a cobertura da mesa; coloca-se sôbre o descanso próprio.
Se o ferro não corre bem, passa-se-lhe cêra ou estearina por baixo, mas depois tem de se limpar muito bem para não sujar a roupa.
Se o ferro está enferrujado, esfrega-se com cinza ou, se fôr preciso, com lixa fina.

Preparação da roupa para passar a ferro

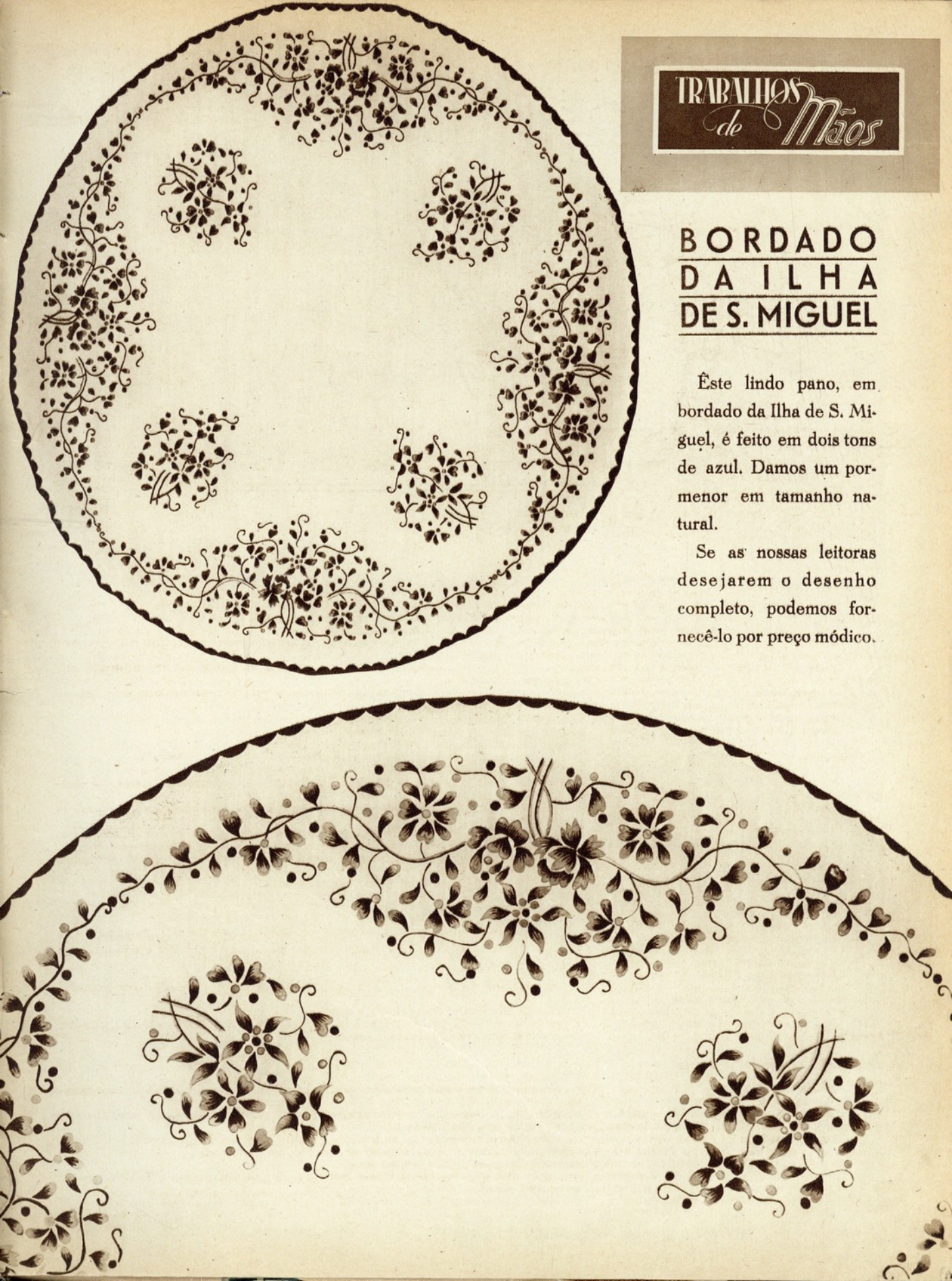
Quando a roupa vem da lavadeira passa-se-lhe revista para separar a roupa em bom estado da que necessita de reparação: passagens, remendos, botões, etc.. Deve-se ter um cêsto para guardar a roupa que está para coser e não a deixar andar abandonada por cima dos móveis.
Nunca se deve passar a roupa por coser.
Antes de passar a roupa a ferro, estica-se, volta-se do direito e dobra-se sumàriamente, separando-a por qualidades: lenços, toalhas, camisas, lençóis, etc..
Se a roupa está sêca de mais, borrifa — antes de a dobrar, e enrola-se um pouco apertada.
Depois, arruma-se num taboleiro de verga ou num cêsto, que se cobre com uma toalha até ao momento de a passar. Convém preparar a roupa algumas horas antes para humedecer bem e por igual.

Modo de passar a ferro

A roupa passa-se na direcção do fio, que em geral é indicado pela direcção da bainha. Passando a roupa enviesada fica com pontas.
Começa-se pelas mangas e enfeites. O pano passa-se pelo direito e as rendas e os bordados pelo avêsso, para ficarem mais bonitos e em relêvo. Passados pelo direito ficariam amachucados.
Tôdas as peças iguais se devem dobrar do mesmo modo, para se poderem guardar umas sôbre as outras.
A roupa não se deve guardar enquanto estiver hùmida. Conserva-se ao ar durante umas horas.
Quando, ao passar a roupa, esta fica amarelecida, molha-se e põe-se ao sol.
Dizem que a roupa tostada também branqueia passando-a com água bórica e depois lavando-a com água pura.
Se estiver muito queimada, será difícil remediar o mal...

BORDADO DA ILHA DE S. MIGUEL

Êste lindo pano, em bordado da Ilha de S. Miguel, é feito em dois tons de azul. Damos um pormenor em tamanho natural.

Se as nossas leitoras desejarem o desenho completo, podemos fornecê-lo por preço módico.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

SANTA MARIA

Santa Maria! E' esta para mim a mais bela de tôdas as invocações dêsse rosário de invocações belíssimas, que é a Ladainha de Nossa Senhora; é a que fala mais profundamente ao meu coração, essa pela qual saúdamos a excelsa padroeira da nossa Pátria, que é a terra de Santa Maria.

Santa pelo seu glorioso título de Mãi de Jesus, santa pela sua Conceição Imaculada, santa pelo trabalho humilde de cada dia na sua casinha de Nazaré, Santa Maria, a Virgem-Mãi do nosso Redentor!

Quando D. Afonso Henriques quis pôr sob a protecção divina as terras que com tanto sacrifício conquistara, ergueu os olhos ao Céu, e colocando Portugal sob o patrocínio de Maria Santíssima, fez volver sôbre a nobre Nação Portuguesa o olhar suavíssimo da Mãi de Deus. Mais tarde, em 1640, D. João IV tornou a pedir para o seu reino a carinhosa solicitude de Maria, proclamando-a Rainha e Padroeira de Portugal. E ainda há pouco — a 13 de Maio de 1931 — a Nação inteira, ajoelhada em Fátima, se consagrou ao Imaculado Coração de Maria, agradecendo a sublime graça das aparições milagrosas de 1917.

E em paga de tôdas estas provas de amor, que são só de justiça, quantas graças nos dispensou essa Mãi amantíssima, a nós portugueses, o seu povo dilecto? Oh! são sem conto! E para mencionar só estas, basta lembrar que ela nos salvou do perigo comunista durante a recente luta em Espanha, e agora do flagelo da guerra que atormenta a Europa inteira.

Graças a Deus, o povo português soube quàsi sempre corresponder aos favores que lhe fôram dispensados por Santa Maria; são capelinhas e ermidas de aldeia, santuários e basílicas de cidades, erguidas em sua honra; o seu nome pintado nos cascos dos barcos de pesca e piedosamente dado a tantas raparigas de Portugal, a terra das Marias.

E Santa Maria, carinhosamente inclinada sôbre esta terra que é sua, sabendo que em cada coração português tem um nicho amoràvel onde pode reclinar o seu Coração Imaculado, continua a velar pelo futuro desta Pátria que a ama, e que põe nela tôda a sua confiança. É cada dia, ao cair da tarde, ao calor das lareiras no inverno, sob um céu de azul puro no verão, ela ouve sair de cada choupana, de cada palácio, de cada casal, de cada solar de Portugal, êste brado de esperança e de amor: Santa Maria, Mãi de Deus, rogai por nós pecadores...

Maria Isabel de Azevedo Coutinho
Vanguardista — Centro 4 — Ala 1

"SALAZAR e o Mundo Português"

Salazar... baixinho... muito baixinho, só para mim, num recolhimento místico, eu repetia essa palavra mágica. E ao passo que a ia dizendo, todo o meu coração transbordava de gratidão pelo salvador do meu querido Portugal.

Salazar... nome que só em si encerra uma nação... nação essa que tem oito séculos de História e que, através das gerações, se tem mantido trabalhando e resando. E o povo de heróis ia cair, mas surgiu um gigante... com um esfôrço sublime levantou do pó a raça gloriosa e de novo ela brilhou, cheia de explendor entre as nações.

A confirmá-lo tivemos as nossas Festas Centenárias.

Guimarães, berço da Nacionalidade Portuguesa; Sagres, onde a Terra acaba e o Mar começa e finalmente Lisboa, coração e cabeça do Império, em que à borda do Tejo amigo se via a maravilha histórica que era a Exposição do Mundo Português.

De novo por lá me vejo, nesses pavilhões de sonho em que li, página a página, a História da minha Pátria amada. Revejo passo a passo as sendas gloriosas em que caminharam os herois... os santos e os poetas da Terra Lusitana, Pátria de Afonso Henriques, Nun'Alvares, Camões e tantos outros.

Os meus olhos maravilhados mais uma vez se extasiam no Cenário feérico que é a Praça do Império quando a fonte luminosa lança no espaço jorros de luz.

A emoção profunda que senti ao penetrar no recinto da Exposição mais me faz lembrar o nome de Salazar a quem devemos a hora magnífica de glória e explendor do momento presente.

A' minha mente exaltada perante tanta abnegação e valor surge a quadra de Silva Tavares:

> Há 2 nomes portugueses
> Para dizer a rezar:
> O nome de Santo António
> E o de António Salazar.

Maria da Glória Moniz de Castro Corte-Real
Filiada n.º 15.003 — Graduada — Ala 2 — Centro 1
Província do Douro Litoral — ESPINHO